

APRESENTAÇÃO: REPRESENTAÇÃO, FUNÇÃO E PROCESSAMENTO DO FOCO

Maria Luiza Braga¹

Marcus Maia²

malubraga@terra.com.br

maiamarcus@gmail.com

O volume especial 13, número 9, da ReVEL, centrado na categoria linguística foco, congrega um conjunto de artigos que adotam diferentes aportes teóricos, enfocam distintos fenômenos linguísticos em diferentes línguas e empregam variadas metodologias, refletindo, de certa maneira, a relevância desta categoria para as diferentes abordagens teóricas, as dimensões sob as quais pode ser enfocada e seu poder explanatório na elucidação de fenômenos variados nas línguas naturais.

Com relação aos estudos ligados ao foco, duas observações se tornam necessárias: por um lado, há o fato de que o rótulo *foco*, presente nos pares pressuposição e foco (Chomsky 1971, Jackendoff 1972), proposição aberta e foco (Prince 1986), foco vs. *background* (Hengeveld e Mackenzie 2008), entre outros, não remete, necessariamente, a categorias analíticas equivalentes, uma vez que elas foram concebidas dentro de quadros de referência teórica distintos; por outro lado, há dicotomias que dispensam a presença da palavra foco, embora visem o tratamento da informação como é o caso dos pares tema e rema (Firbas 1966, 1971), tópico e comentário (Gundel 1974), a título de exemplo (Cf. Mello & Lima e Silva, neste volume).

Identifica-se o foco de uma sentença pelo teste da Pergunta-QU (Cf. Kato neste volume). O constituinte que responde a pergunta-Qu é o constituinte para o qual o falante dirige sua atenção, o foco:

¹ Professora titular da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

² Professor de Linguística do Departamento de Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

P: O que a Beatriz comprou?

R: A Beatriz comprou **UMA BONECA**.

P: Quem comprou uma boneca?

R: **BEATRIZ** comprou uma boneca.

O tratamento do foco faz-se a partir da ótica da informação e credita-se a Halliday a sua primeira caracterização enquanto categoria linguística (Valdúvı 1990). Associando o foco ao rema, este linguista o define como “um tipo de ênfase por meio da qual o falante acentua aparte (que pode ser o todo) de um *bloco de informação* como a que ele pretende que seja interpretada como informativa. O que é focal é “novo”; não no sentido de que não pudesse ter sido mencionado previamente, embora frequentemente este seja o caso, mas no sentido de que o falante o apresenta como não sendo recuperável do discurso precedente” (1967:204). Já para Chomsky, “o foco é o sintagma que contém o centro entonacional; a pressuposição sendo uma expressão derivada pela substituição do foco por uma variável. Cada sentença, então, está associada com uma classe de pares (F,P) na qual F é um foco e P uma pressuposição, cada par correspondendo a uma interpretação possível.” (1971: 26). No âmbito do chamado Projeto Cartográfico (cf. Rizzi, 1997), no entanto, o mapeamento da categoria foco ganha contornos bem mais precisos, havendo esse programa desenvolvido mais plenamente o objetivo de mapear através de projeções sintagmáticas específicas todo o conteúdo da chamada periferia esquerda da sentença, entre esses os sintagmas de foco, de tópico, elementos interrogativos, evidenciais, advérbios e outros elementos com potencial impacto na estrutura informacional da frase, no discurso e mesmo no contexto extralinguístico (cf. Kato, Quarezemin & Tescari Neto, Guessier, neste volume).

Entre outros autores que vinculam a noção de foco à da estrutura da informação, citem-se, a título de exemplo, Hengeveld e Mackenzie para quem “...a função Foco sinaliza a seleção estratégica de informação nova por parte do Falante a fim de preencher uma lacuna na informação do Ouvinte ou corrigir a informação do Ouvinte.... A informação à qual não é atribuída a função FOCO constitui o BACKGROUND”(2008: 89).

Adotando um conceito de foco semelhante em certos aspectos ao de seus predecessores, Lambrecht propõe que o foco é uma categoria relacional semântico-pragmática: “O

componente semântico de uma proposição pragmaticamente estruturada em virtude da qual a asserção difere da pressuposição.” “O foco de uma sentença, ou, mais precisamente, o foco de uma proposição expressa por uma sentença em um contexto de enunciação, é visto como o elemento de informação em função do qual a pressuposição e asserção diferem entre si. O foco é aquela porção da proposição que não pode ser considerada como garantida no tempo da fala. É o elemento NÃO-PREDIZIVEL ou pragmaticamente NÃO-RECUPERÁVEL de um enunciado.” A defesa da natureza relacional pode ser apreciada, por seu turno, nos seguintes trechos “...o propósito da acentuação sentencial não é marcar focos mas marcar o estabelecimento de RELAÇÕES entre diversos tipos de *denotata* e as proposições às quais eles pertencem” “...a informação não é transmitida por itens lexicais ou constituintes sentenciais individuais, mas somente pelo estabelecimento de RELAÇÕES entre *denotata* e proposições.” (1998: 213-18).

Esta concepção sobre a natureza relacional do foco já era sustentada por Prince (1986) e Akmajian em (1973). Para aquela, a proposição pressuposta aberta representa conhecimento compartilhado saliente, isto é, que o falante assume ser compartilhado por ele e pelo ouvinte; o foco, por seu turno, não representa uma entidade do discurso. O que constitui informação nova é o fato de o foco instanciar uma variável na proposição pressuposta aberta. Akmajian, por sua vez, ao discutir o papel do foco na interpretação das expressões anafóricas, observa: “Note que ... o componente focal da leitura semântica é dado como uma relação semântica, não como um termo único... O constituinte focal de uma sentença representa informação nova não porque o constituinte é necessariamente novo, mas, ao contrário, porque a relação semântica na qual o constituinte entra é nova com respeito a um dado do universo do discurso” (1973: 218, apud Lambrecht 1998:212).

Não obstante as divergências que buscamos ressaltar acima, o que as variadas concepções compartilharam é a percepção de que um enunciado é estruturado em porções desiguais no que tange a expressão de informação, isto é, algumas porções são mais informativas outras menos (Cf. Moraes et alii e Mello & Lima e Silva, neste volume).

Ao colaborar na configuração da estrutura da informação, o foco pode acarretar algum tipo de contraste ou saliência e é a função contrastiva que explica a atribuição de proeminência prosódica a pronomes anafóricos ou dêiticos, elementos presentes no contexto ou contexto situacional, conseqüentemente, informação dada. Vale salientar que, de

acordo com Halliday, os pronomes acentuados que exprimem foco contrastivo representam informação nova. A referência à saliência é encontrada em Dik para quem “a informação focal em uma expressão linguística é aquela informação que é mais importante ou saliente em um dado contexto comunicativo, e considerado pelo F[alante] como a mais essencial para o O[ouvinte] integrar em sua informação pragmática.” (1977:326). O autor salienta que esta informação é sempre nova, mas ressalva que ela pode re-enfatizar alguma informação já disponível para o ouvinte, favorecendo um contraste explícito ou implícito.

O foco pode incidir sobre constituintes de variadas extensões e desde Ladd (1980) distingue-se, comumente, o foco amplo (*broad focus*) do foco estreito (*narrow focus*). O foco amplo corresponde ao foco sentencial enunciado como um todo (Cf. Moraes *et alii* e Guesser, neste volume), e ao foco de predicado que seria, na opinião de Lambrecht e Van Valin (1999), a estrutura de foco não marcada universal. Já o foco estreito corresponde ao foco argumental, quando o domínio focal se restringe a um argumento da sentença. De acordo com Moraes *et alii*, neste volume, da perspectiva prosódica, “essa é uma dimensão contínua, pois o foco pode ser mais ou menos amplo (ou estreito), podendo incidir sobre uma palavra fonológica, sobre um (ou mais de um) sintagma fonológico, sobre todo um sintagma entonacional, ou mesmo sobre o enunciado inteiro”. Lambrecht sugere uma correlação entre estes três tipos de estruturas de foco, os tipos de sentenças e as funções comunicativas: a estrutura *Foco no predicado* corresponde à sentença sujeito-predicado (tópico-comentário) na qual o foco incide sobre o predicado e o sujeito é pressuposição corresponde ao sujeito; sua função comunicativa é comentar sobre um dado tópico de conversação. A estrutura *Foco no argumento* identifica um argumento que falta em uma proposição pressuposta aberta e corresponde à sentença identificacional; sua função comunicativa é identificar um referente. A estrutura *Foco na sentença* corresponde às sentenças eventivas, apresentacionais e sua função comunicativa é apresentar um novo referente discursivo.

Embora o foco possa ser sinalizado por estratégias morfológicas, sintáticas e prosódicas, ou quaisquer combinações destas estratégias, Lambrecht sustenta que o papel da prosódia, em certo sentido, seria funcionalmente mais importante que o da marcação morfossintática (Cf. Ribeiro, neste volume), ressaltando, no entanto, que a relação entre foco e prosódia não é universal (Cf. também Erteschick-Shir 2007). Ainda segundo ele, de

acordo com uma versão fraca do tratamento da correlação entre proeminência prosódica e foco, qualquer referente novo no discurso requer proeminência prosódica do constituinte correspondente. Nem todo constituinte acentuado, no entanto, constitui uma relação de foco.

A configuração eclética do presente número especial da ReVEL sobre o tema Foco inspirou-se no curso transversal ministrado no Programa de Pós-graduação em Linguística (POSLING) da UFRJ, intitulado, “Representação, Função e Processamento do Foco”, durante os semestres de 2014/2 e 2015/1. Esta experiência inovadora no âmbito do POSLING reuniu professores e pesquisadores de diferentes angulações teóricas e metodológicas, que se debruçaram harmonicamente sobre tema tão interessante, procurando explorá-lo através de vertentes que se mostraram não antagônicas, mas complementares, permitindo um levantamento inédito de questões e respostas que, reconhecidamente, levaram a todos – professores e alunos – a avançarem significativamente na compreensão do fenômeno em exame.

Os organizadores desse número da ReVEL esperam que os leitores possam vir a compartilhar os mesmos “insights” obtidos no trabalho cooperativo e integrado, que mobilizou a todos no curso e que, em grande parte, está refletido aqui.

O artigo “Two Focus Positions in the history of Brazilian Portuguese”, de Mary Aizawa Kato, abre o volume especial da ReVEL sobre o tema foco. Kato inicia discutindo o conceito de foco em termos gerativistas e apresentando didaticamente uma tipologia detalhada das posições de foco informacional e enfático, com base na manipulação do acento nuclear da sentença. O objetivo do estudo, no entanto, não é propriamente o de caracterizar a prosódia de foco, mas o de discutir dados que demonstram que o português brasileiro (PB) passou por mudanças sintáticas importantes em sua história entre os séculos XVIII e XIX, que afetaram as estruturas de foco, com apenas ajustes fonológicos secundários. Após rever seu trabalho de 1996, com Eduardo Raposo, em que comparam diferenças de ordem em construções de foco entre o PB e o português europeu (PE) modernos, com base na noção de Sintagma de Foco, proposta em Uriagereka (1995), interessantemente reanalisada por Kato nos termos mais detalhados do Projeto Cartográfico (Rizzi, 1997), a autora analisa casos de Foco *in situ*, interpretando-os, com base no acento, como foco contrastivo, comparativamente a constituintes-QU. Usando

dados abundantes de natureza comparativa e diacrônica, Kato demonstra que essas duas construções aparentemente não relacionadas, a saber, estruturas de Foco declarativo e perguntas-QU, podem ser, de fato, mais propriamente analisadas de modo integrado, com base no quadro do Projeto Cartográfico. O artigo, então, prossegue para estudar construções clivadas, usadas tanto para substanciar o foco informacional, quanto o contrastivo. A autora resenha trabalhos anteriores sobre o tema, passando a demonstrar uma série de inovações nas estruturas de foco que ocorreram em PB, mas não em PE: a queda da cópula em clivadas e o aparecimento de construções QU-SV e FOCO-SV.

A partir de ampla exemplificação, Kato defende que, ao perder o padrão FocoVS, o PB inaugura uma nova posição de Foco, mais baixa na estrutura sintática, na margem de vP, acarretando gramaticalização e ajustes fonológicos. Kato conclui, então, convincentemente, que enquanto o PE manteve-se mais conservador, o PB inovou.

Em “Da sintatização dos focos contrastivo e exaustivo em CP e das estratégias de marcação de foco”, Quarezemin&Tescari Neto iniciam discutindo e buscando integrar as noções essencialmente discursivas de foco e de tópico ao arcabouço gerativista do Projeto Cartográfico iniciado por Rizzi (1997) e desenvolvido, entre vários outros autores, por Cinque&Rizzi (2010). Revendo as três estratégias de manifestação de foco na estrutura da sentença, mais comumente consideradas, tais como as construções clivadas, pseudo-clivadas e de movimento de constituinte, os autores introduzem a estratégia que constitui, por assim dizer, o foco do artigo: os advérbios focalizadores.

Os autores defendem no artigo que a modificação por advérbios não constitua, de fato, uma estratégia sintática de marcação de foco, mas tenha um importe fundamentalmente semântico. Para demonstrar sua tese, estabelecem um quadro programático muito bem articulado no qual se movimentam com rigor e clareza. Após uma revisão concisa, mas precisa, da literatura sobre a natureza da categoria Foco e de suas posições de valoração específicas, que incluem os tipos de foco contrastivo, exaustivo e informacional, os autores demonstram com argumentos teóricos e exemplificação adequada que a valoração do foco contrastivo e do exaustivo seja feita na periferia esquerda da sentença. No que se refere aos advérbios, os autores defendem a sua representação no chamado “espaço IP” como categorias sintagmáticas, assumindo originalmente que o escopo dos advérbios focalizadores possa ser atribuído nos moldes

de Kayne (1998). Interessantemente, a implementação desse design, que estende a proposta de Kayne para os advérbios, relacionando-a à ideia de “congelamento criterial” de Rizzi, acaba por oferecer argumentos para confirmar a análise de que o foco contrastivo e o exaustivo sejam valorados na periferia esquerda.

O próximo artigo do volume é o de Simone Guessser: “Sentenças Foco+que do PB na interface sintaxe-pragmática”. Guessser propõe uma análise alternativa para essas sentenças, a saber, a de que derivariam de uma estrutura clivada do tipo canônica. O artigo é muito bem organizado para procurar garantir a apresentação correta e a defesa adequada dessa proposta. A autora inicia revisando as noções de foco contrastivo largo e estreito, de foco informacional e de foco identificacional, para poder chegar a caracterizar especificamente a construção que lhe interessa como uma estrutura de focalização estreita que possui estrutura informacional em que um sintagma focal é seguido de um complementizador, introduzindo uma sentença finita que, semanticamente, é a sua pressuposição.

Na defesa de sua proposta, Guessser revisa criticamente três análises das construções Foco+que encontradas na literatura, a saber, a análise de Braga et alii (2009) e de Kato (1996) de que tais estruturas derivam de construções clivadas invertidas; a análise de Mito (2003) e de Resenes (2006; 2009) de que Foco+que não derivaria de uma clivada, mas seria uma estrutura simples em que o foco estaria adjacente ao que; a análise de Ribeiro (2011) de que Foco+que também não derivaria de uma clivada, mas constituindo uma estrutura simples sem relação de adjacência entre foco e que. Lançando mão de dados sintáticos e pragmático-discursivos que não seriam cobertos pelas propostas anteriores, Guessser formula, então, a sua proposta alternativa: as clivadas Foco+que derivariam de clivadas canônicas, com apagamento de cópula.

Em “Focus and information patterning: refining terminology and distinguishing categories in a spoken corpus”, Mello & Lima e Silva reveem criticamente o conceito de foco, tal como vem sendo empregado ao longo das décadas pelas diversas vertentes linguísticas, elaborando, a seguir, tal conceito à luz da Teoria da Língua em Ato. Ressaltam que, nesta abordagem teórica, o conceito de foco não coincide com o que em outras se denomina comentário. Na sequência, investigam e exemplificam estratégias de focalização e ênfase

no Português Brasileiro, fenômenos distintos de foco tal como caracterizado pela Teoria da Língua em Ato.

De acordo com a Teoria da Língua em Ato, o foco é uma propriedade semântica, prosodicamente realizada e identificável nas unidades textuais maiores que constituem um enunciado, o tópico e o comentário. O comentário é uma unidade de informação específica que corresponde à força ilocucionária de um ato de fala particular; o tópico, por seu turno, circunscreve o campo de aplicação para aplicação da força ilocucionária transmitida pelo comentário. Tópico e comentário estão relacionados através de configurações prosódicas específicas e a segmentação de um enunciado em unidades de informação baseia-se em quebras prosódicas percebidas, que podem ser terminais ou não-terminais. Tanto o comentário quanto o tópico recebem proeminência prosódica focal identificável por variados parâmetros.

Uma vez caracterizada a noção de foco, Mello & Lima e Silva consideram as questões afetas à focalização e ênfase. Salientam que, embora as estratégias para a expressão da focalização e da ênfase sejam as mesmas -- sintáticas, morfológicas e prosódicas -- seus significados semânticos são diferentes: a focalização está associada ou à exaustividade (identificação de uma variável em um conjunto de variáveis) ou ao contraste (propriedade de dissimilaridade de uma variável em relação a outra) enquanto a ênfase está associada ao reforço, persuasão, certeza quanto à informação apresentada, etc..

É apresentada, então, a análise dos dados, contemplando-se os diversos recursos linguísticos de que se valem a focalização e ênfase. Os dados, extraídos do corpus de fala espontâneo C-ORAL-BRASIL (RASO & MELLO, 2012), devidamente contextualizados, são examinados segundo suas propriedades acústicas e efeitos semânticos.

Em “Yollegue FUE ayer: una estructura focalizadorade español”, Sedano, fundamentando-se em cópulas de língua falada do século XX e, eventualmente, em dados de língua escrita e dos séculos XIX e XXI, apresenta uma análise abrangente das construções com *ser* focalizador (SF), atestadas no espanhol de vários países latino americanos – Colômbia, Equador, Panamá, República Dominicana e Venezuela. Considera tanto as propriedades do item focalizador quanto da construção.

Segundo a autora, as **SFs** podem focalizar qualquer categoria gramatical, desde que com conteúdo lexical, a exceção ficando por conta dos advérbios oracionais em *mente*. Seu domínio focal não-marcado é constituído por SPREPs e SADVs, distribuição oposta à verificada para as Pseudo-Clivadas que são empregadas, não-marcadamente, para a focalização de SNs. A evocação às PSEUDO-CLIVADAS se justifica porque a literatura específica tende a aproximá-las e porque são potencialmente intercambiáveis em certos contextos. De acordo com Sedano, todavia, as **SFs** dispensam os cálculos e planejamentos cognitivos requeridos pelas PSEUDO CLIVADAS, o que explica sua maior recorrência quando da focalização de SPREPs e SADVs. Em outras palavras, antes de empregar uma PSEUDO CLIVADA o falante deverá saber quais as características morfossintáticas do referente focal para representá-las na forma pronominal correspondente que introduz a PEUDO CLIVADA. Estes cálculos são desnecessários nas **SFs** uma vez que esta construção dispensa a ocorrência de pronomes relativos. Para Sedano é a simplicidade estrutural das **SFs** que explica, igualmente, seu uso na focalização de constituintes com a função de complementos circunstanciais.

Entre outras propriedades investigadas por Sedano, destaquem-se aquelas relacionadas à posição do constituinte focal, relações de concordância número-pessoal que se estabelecem entre *ser* e o foco da **SF**, correlação modo-temporal entre *ser* e verbo matriz da **SF**, negação e interrogação. Quanto à função das **SFs**, Sedano defende que elas servem à expressão de contraste, embora tenha identificado **SFs** não contrastivas que reforçavam o caráter remático do constituinte em foco.

Para Sedano, sua análise corrobora a opinião de outros autores segundo a qual nas **SFs** *ser* não constitui um verdadeiro verbo, mas sim uma marca gramatical “cuja função é indicar que o que vem depois na oração é o foco marcado da construção”. A evidência mais forte a favor desta hipótese provem da incapacidade do item *ser* poder ser modificado por uma partícula negativa.

Em “Características das construções de foco sentencial no português. Um estudo de corpus paralelo”, Pinheiro-Correa investiga os enunciados de foco sentencial ou téticos em Português Brasileiro (PB). Inicialmente procede a uma caracterização dos enunciados téticos (= de foco sentencial) em oposição aos enunciados categóricos e das propriedades gramaticais apontadas pela literatura especializada como identificadoras destas

estruturas: status informacional, autonomia e posição da entidade presente no enunciado; propriedades prosódicas do enunciado; co-ocorrência com partículas focais; marcação de caso nominativo, entre outras. Uma vez revista a literatura pertinente, quer aquela publicada no Brasil, quer no exterior, Pinheiro-Correa apresenta a análise dos dados que foram extraídos de um corpus paralelo constituído pelos textos orais originais de dois filmes argentinos (*El secreto de sus ojos* e *Bombón, el perro*) e dos textos orais de suas respectivas dublagens ao PB. Identificam-se os enunciados téticos em espanhol, com base em dois critérios -- ordem VS (Sasse 2006 e Lambrecht 2000) e marcação de caso não-nominativo (Lambrecht 2000)— para assim chegar aos enunciados téticos do PB. Justifica-se tal procedimento metodológico porque o espanhol é considerado uma língua que marca formalmente a teticidade e, como a teticidade é uma propriedade translinguística, os enunciados reconhecidos como téticos no espanhol são vistos como potenciais candidatos a serem também enunciados téticos no PB, ainda que nada impeça que sejam convertidos em categóricos.

A análise dos dados revela que em espanhol a teticidade tende a ser expressa pela ordem VS e que, no corpus em análise, os enunciados téticos podem desempenhar função anunciativa, introdutória, interruptiva, explicativa. Um número expressivo de enunciados téticos de ordem VS em espanhol foi dublado por enunciados de ordem SV em português. Os poucos enunciados que apresentaram a ordem VS em PB correspondiam a construções inacusativas. Já a expressão da teticidade por meio de marcação de caso não-nominativo de participante do evento foi ocasional no espanhol e mais rara ainda no PB.

De acordo com Pinheiro-Correa, as construções téticas do corpus do PB se caracterizaram pela ordem SV, as exceções ficando por conta das inacusativas e marcação de caso nominativo, inclusive quando os sujeitos eram não-agentivos. No PB, a motivação para a ordem VS parece ser prioritariamente semântica, o que sugere que teticidade e ordem de palavras são conceitos não relacionados nesta língua. Igualmente irrelevante para a teticidade parece ser a marcação de caso não-nominativo.

Stenzel aborda o ‘efeito foco’ em “Considerações sobre ordem de palavras, tópico e o ‘efeito foco’ em Kotiria”. Após contextualizar a questão da “ordem básica” nas línguas da família Tukano Oriental, a autora investiga os padrões de variação das ordens SOV e OVS em Kotiria, visando a deslindar a interface entre as ordens alternativas e funções

sintáticas e pragmáticas. Mostra que, no nível da oração, a ordem exerce papel importante na interpretação sintática do argumento O; quanto ao argumento S, a ordem e seu tipo de realização (lexical, pronominal ou nula) são motivados pragmaticamente, refletindo o status de S como informação presumida ou não-presumida. A ordem funciona, então, como mecanismo de organização da estrutura da informação e *reference-tracking* no discurso.

Uma vez expostas as questões relativas à ordem dos argumentos S e O, Stenzel apresenta sua visão de foco que é concebido como um efeito pragmático interpretativo que serve essencialmente para conferir proeminência ao elemento da frase que representa informação não-presumida e auxiliar na identificação daquilo que é importante no discurso. Este olhar mais holístico possibilita levar ao desvendamento das estratégias que colaboram para o “efeito foco” que, em se tratando de Kotiria, incluem fenômenos de ordem, recursos morfológicos e construções de encadeamento. Por fim, mencione-se uma outra categoria, analítica, distinta embora relacionada a foco, e relevante para o presente trabalho, que é a de tópico, seja “tópico de frase” ou “tópico de discurso”.

Em Kotiria, as construções de foco podem ser “simples” ou “complexas” e para ambas as interrelações com as margens são cruciais. Em outras palavras, as margens esquerdas das orações constituem o local *default* das construções de foco “simples” enquanto a margem direita, por sua vez, é o local de informação com *status* presumido, prototipicamente, um tópico de discurso que vem realizado sob a forma pronominal. Já as construções complexas, assim denominadas por envolverem, além de operações de deslocamento, meios “parceiros” como elementos prosódicos e marcadores morfológicos, podem se classificar como foco enfático, muitas vezes assinalando contraste, ou como foco de esclarecimento. A construção de *foco enfático/contrastivo* tem como *locus* a margem esquerda da oração enquanto na construção *foco de esclarecimento* o deslocamento é para a margem direita, com o SN deslocado ocorrendo em forma lexical.

Bruna Franchetto analisa a periferia esquerda da oração, com base no Projeto Cartográfico, iniciado por Rizzi (1997), em “Construções de foco e arredores em Kuikuro (Karib alto-xinguano)”, enfrentando o desafio de caracterizar as construções de foco *vis à vis* construções relativas e interrogativas, em uma língua indígena brasileira sobre a qual, antes do trabalho da autora, absolutamente nada se encontrava sobre o tema, na

literatura linguística descritiva. Após apresentar aos leitores, o povo Kuikuro e um resumo das principais propriedades de sua língua, a autora fornece ampla exemplificação de construções de foco, em Kuikuro: foco do argumento único do verbo intransitivo, do argumento interno do verbo transitivo, do argumento externo do verbo transitivo, que incluem, sistematicamente, o clítico “onipresente” *ha*, que é analisado como marcador da camada complementizadora (CP), na língua, demarcando fronteira sintática e modalizando o valor informacional de um constituinte. Tal constituinte em foco, como analisa a autora, estaria indefectivelmente no início da oração, seguido por um elemento dêitico e por um elemento copulativo não verbal a ele sufixado. Esses elementos são analisados pela autora como constituindo o Marcador de Foco, na língua.

Após descrever as construções relativas e interrogativas em Kuikuro, Franchetto passa a discutir a categoria Tempo, contrastando-a com as construções de dêitico-cópula e de marcador de Foco, que desempenhariam também a função de atribuir finitude temporal à predicação. Na finalização de sua análise, a autora integra ao quadro cartográfico de Rizzi, as propostas de Puglielli&Frascarelli (s.d.) para as construções de Foco em Somali e Avar: no sistema Força-Finitude, a ativação do traço [+foc] teria uma função importante na interpretação de outras categorias sintáticas e discursivas, o que permite que se proponha que em Kuikuro, o Marcador de Foco (MF) seja uma cópula, implicando a presença de uma Pequena Oração.

Em “A manifestação prosódica do foco em interrogativas totais no Português do Brasil e sua percepção”, Moraes, Carnaval e Badaue Coelho analisam a realização prosódica do foco em enunciados interrogativos totais, no português brasileiro, sob a perspectiva da percepção e da produção. Investigam a possibilidade de, no português brasileiro, se marcarem entonacionalmente focos interrogativos que incidem sobre vocábulos que ocupam distintas posições no enunciado e que apresentam diferentes extensões, principalmente “palavra fonológica” e “sintagma fonológico”.

Após considerações sobre a categoria foco, descrevem o método empregado e o corpus que foi constituído por 36 enunciados produzidos por quatro falantes da variedade carioca. Estes falantes produziram a frase interrogativa total *O marido da Renata derrubou suco de laranja?* de nove maneiras distintas, segundo as estruturas focalizadas fossem *todo o enunciado* (foco amplo), *o marido*, *da Renata*, *o marido da Renata*,

derrubou, suco, de laranja, suco de laranja, derrubou suco de laranja. Os enunciados resultantes das leituras das nove frases, para as quais tinham sido criados pequenos contextos, foram, então, apresentados a 20 juízes que deveriam indicar, num teste de escolha forçada, qual porção estava sendo focalizada. A prosódia dos enunciados foi analisada com o programa *Praat*.

Os resultados para o teste de percepção revelam que a extensão interfere na taxa de reconhecimento do constituinte focalizado: os juízes revelaram um bom reconhecimento auditivo da localização do foco interrogativo em se tratando de foco amplo e de focos que incidem sobre uma palavra fonológica; apresentaram, no entanto, dificuldades em detectar o constituinte que está sendo focalizado quando o foco incide sobre mais de um sintagma fonológico ou sobre um sintagma fonológico ramificado. Tais resultados, de acordo com os autores, sinalizam uma limitação da língua em focalizar constituintes mais extensos, compostos de palavras com dois acentos primários.

Uma vez considerados os resultados do teste perceptivo, foi investigada a realização prosódica do foco interrogativo: foco amplo, foco em uma palavra fonológica ocupando a posição de cabeça da frase entonacional (final do enunciado), foco em palavra fonológica que constitui a cabeça de um sintagma fonológico; foco em palavra fonológica que ocupa a posição fraca (à esquerda) de um sintagma fonológico. A análise mostra que, do ponto de vista de sua produção, a marcação prosódica do foco interrogativo é variada e se correlaciona ao fato de o foco ser amplo ou estreito e à posição que o vocábulo focalizado ocupa no enunciado.

Em “Complexidade cognitiva em construções de foco do PB—um experimento de *priming*”, Vieira, Leite de Oliveira, da Hora, Silva de Oliveira e Masson investigam três tipos de clivadas do PB, Clivadas canônicas (Foi Pedro que chegou atrasado), Construções SER QUE (Pedro é que chegou atrasado) e Construções QUE (Pedro que chegou atrasado), à luz das contribuições dos Modelos Baseados no Uso e da Psicolinguística Experimental.

Caracterizam as construções em estudo, o quadro teórico que orienta o trabalho e os critérios que, seguindo proposta de Givón (1995), permitem a hierarquização destes tipos de construções clivadas segundo o grau de marcação de cada uma. Com os objetivos de verificar se as estruturas clivadas facilitam, de algum modo, a reativação de um dado

referente na memória de trabalho e se entre os três tipos há diferenças quanto à complexidade cognitiva, desenvolvem um experimento de *priming* com reconhecimento de sonda.

As hipóteses do trabalho são de que as estruturas clivadas, como construções específicas de foco, permitem que os referentes de constituintes focalizados sejam mais rapidamente recuperados pelo ouvinte durante a comunicação, em comparação a sentenças não clivadas e de que as clivadas focalizam os referentes de seus constituintes de formas distintas.

As variáveis independentes são o tipo de clivagem e o tipo de antecedente. As variáveis dependentes são os índices de acerto e tempos de reconhecimento da palavra sonda. 36 falantes nativos do PB, com idade média de 23 anos, participaram do experimento, sendo 23 do sexo feminino e 13 do sexo masculino. O material foi constituído por 20 conjuntos de frases experimentais com 4 frases cada.

Os índices de acerto da palavra sonda para todas as condições foram bem elevados. A condição que obteve o maior índice de erros foi a que não apresentava clivagem, condição que também apresentou médias de tempo de reconhecimento mais elevadas. Os resultados mostram que Clivadas Canônicas e clivadas QUE tiveram tempos de reconhecimento próximos. As construções SER QUE exibiram tempos bastante similares aos das construções não clivadas. A partir dos resultados, confirmam-se parcialmente as hipóteses, vale dizer, que as Clivadas Canônicas e as Clivadas QUE exibem função focalizadora distinta da da condição não-clivada e que há diferenças entre as condições clivadas. Os resultados para as SER QUE, aliados às questões relacionados ao *entrenchment* (Langacker 1987, 2000), provocado pela frequência de uso deste tipo de clivadas, bem como à sua sistemática ausência de correlação modo-temporal, motivaram a elaboração de um outro experimento com vistas a confirmar ou refutar, futuramente, a hipótese sobre a possível perda de força focalizadora da construção SER QUE.

Em "Processamento de sentenças clivadas de sujeito e objeto denotando hipo-nímia e contraste no português do Brasil", Alves, Oliveira, Pereira e Almeida, exercitam a análise de construções clivadas de sujeito e de objeto em português brasileiro, no âmbito da especialidade dos estudos linguísticos conhecida como Sintaxe Experimental, que

procura investigar experimentalmente questões da Teoria Gramatical em interface com o seu processamento psicolinguístico. As autoras comparam o processamento de clivadas canônicas de sujeito, como “Foi A MARIA que trouxe o livro”, com sua contraparte de objeto, como “Foi O LIVRO que Maria trouxe”, através de um experimento de rastreamento ocular, manipulando também o contexto semântico de hiponímia (e.g. gato/felino) ou de contraste (e.g. legume/verdura). O processamento dos constituintes clivados e do “que” foram medido através de variáveis dependentes *on-line*, tais como os tempos totais de fixação do olhar e os tempos da primeira fixação, bem como de variáveis dependentes *off-line*, na fase interpretativa pós-processamento.

Os resultados encontrados indicam maior custo de processamento para as clivadas, comparativamente a sentenças neutras, conforme predito pelas autoras com base na literatura revista. Há também indicações de que os sujeitos clivados tendem a ser menos custosos que os objetos clivados, em congruência com Reichle&Birdsong (2014). As autoras identificam também uma discrepância entre as análises *on-line* e *off-line*: na fase *on-line* do processamento a clivagem de sujeitos é menos custosa para expressar contraste, enquanto a clivagem de objetos seria menos custosa para hiponímia. Por outro lado, na medida final, o paradigma inverte-se, sendo os sujeitos clivados menos custosos para expressar hiponímia do que os objetos, enquanto as clivadas de objeto parecem ser mais facilmente processadas na relação semântica de contraste. As autoras discutem os resultados, apontando tensões entre a teoria gramatical e processos psicolinguísticos.

Nathacia Lucena Ribeiro estuda em “Processamento do foco prosódico em clivadas invertidas reduzidas”, construções ambíguas entre uma análise da estrutura iniciada por “que” como oração relativa e uma análise como clivagem (e.g. O homem que vende cocada). Defendendo a proposta de que a prosódia pode desambiguar sentenças como essa, a autora implementa e aplica dois experimentos psicolinguísticos, a saber, um estudo com tarefa de escolha forçada, na qual sujeitos faziam escolhas a partir da audição das sentenças pronunciadas com prosódias distintas e um estudo de audição automonitorada, no qual os sujeitos monitoravam a audição das sentenças após contextos relevantes.

Os resultados confirmam a hipótese da autora de que a curva entonacional permite diferenciar quando as sentenças do tipo [y QUE z] são sintagmas nominais com aposição de oração relativa ou sentenças clivadas, na ausência de um contexto semântico-discursivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AKMAJIAN, A. "The role of focus in the interpretation of anaphoric expressions." In S. R. Anderson, & P. Kiparsky (eds.) *A Festschrift for Morris Halle*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1973, 215-226.
- BRAGA, Maria Luiza; KATO, Mary Aizawa; MIOTO, Carlos. (2009). As Construções Qu no Português Brasileiro Falado. In: KATO, Mary Aizawa; NASCIMENTO, Milton. *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- CHOMSKY, N. Deep structure, Surface Structure and Semantic Interpretation. In D. Steinberg and L. Jakobovits (eds.) *Semantics: An Interdisciplinary Reader in Philosophy, Linguistics and Psychology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1971, 183-216.
- CINQUE, G.; RIZZI, L. (2010). The Cartography of Syntactic Structures. In: HEINE, B.; NARROG, H. (Eds.). *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*. New York: Oxford University Press, p. 51-65.
- FIRBAS, J. On defining theme in Functional Sentence Perspective. In *Travaux linguistiques de Prague*. Prague: Editions de L'Académie Tchèque des Sciences. 1966, 267-288.
- _____. On some basic issues of the theory of functional sentence perspective: Comments on Alexander Szwedek's critique. *Brno Studies in English* 15, 1983, 9-36
- GUNDEL, J. The role of topic and comment in linguistic theory. *PhD Dissertation*. University of Texas at Austin, 1974.
- HALLIDAY, M. A. K. Linguistics and the Teaching of English. In J. N. Briton (ed.) *Talking and writing: A Handbook for English Teachers*. London: Methuen, 1967.
- HENGEVELD, K. and MACKENZIE, L. *Functional Discourse Grammar. A typologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- JACKENDOFF, R. S. *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge, Massachusetts, London: MIT Press, 1972.
- KATO, Mary Aizawa. (1996). VS constructions, cleft sentences and narrow focus in Brazilian Portuguese. UNICAMP, Manuscrito.
- KATO, MARY A. and Eduardo Raposo (1996) European and Brazilian word order: questions, focus and topic constructions. In C. Parodi, A. C. Quicoli, M. Saltarelli & M. L. Zubizarreta (eds) *Aspects of Romance Linguistics*. Washington: Georgetown U. Press, pp. 267-277.
- KAYNE, R.S. (1998). Overt vs. Covert Movements. *Syntax*, vol. 1, p. 128-191

- LADD, D. Robert *Intonational Phonology*. Cambridge: CUP, second edition, 2008.
- LAMBRECHT, K. *Information structure and sentence form. A theory of topic, focus, and the mental representation of discourse referents*. Cambridge: Cambridge University Press, Cambridge Studies in Linguistics, vol 71, 1994.
- MIOTO, C. (2003). Focalização e Quantificação. *Revista Letras*, n. 61
- PRINCE, E. On the syntactic marking of presupposed open propositions. In Farley, A., Farley, P., and McCullough, K. (eds.) *Papers from the Parasession on Pragmatics and Grammatical Theory*, 22nd Regional Meeting, CLS, 1986, 208-22.
- PUGLIELLI Anna Rita; FRASCARELLI, Mara. Focus in the Force-Fin System: Information Structure in Cushitic Languages. (s.d.).
- REICHLE, R. & BIRDSO, D. (2014). *L2 processing focus structure in L1 and L2 French: Proficiency Effects on ERPs*. *Studies in Second Language Acquisition* Cambridge University Press p. 1 of 30, 2014.
- RESENE, Mariana. (2006). [foco] é que/ [foco]que X wh é que/wh que. In: *Círculo de Estudos Linguísticos Sul – CESUL*, 7, 2006, Pelotas. *Anais do VII Círculo de Estudos Linguísticos Sul – CESUL*. Pelotas: UCPEL.
- RESENE, Mariana. (2009). *Sentenças Pseudoclivadas no Português Brasileiro*. Santa Catarina: UFSC, 2009. 144 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- RIBEIRO, Ilza. (2011). *Construções de focalização: comentários ao texto de Simone Gessner*. In: NAVES, Rozana Reigota; LIMA-SALLES, Heloisa Maria. *Estudos Formais da Gramática das Línguas Naturais*. Goiânia: Câne Editorial.
- RIZZI, L. (1997) The fine structure of the left periphery. In: Liliana Haegeman (ed.) *Elements of Grammar*. Kluwer: 281-337.
- URIAGEREKA, J. (1995) An F position in Western Romance. In: Karlin É. Kiss (ed.) *Discourse Configurational Languages*. New York/Oxford: Oxford University Press: 53-175.
- VALDUVÍ, E. The informational component. *PhD dissertation*. University of Pennsylvania, 1990.
- Van VALIN, R. Jr “A typology of the interaction of focus structure and syntax”. In E. V. Rakhilina and Y. G. Tesstelets (eds.) *Typology and Linguistic Theory: From description to Explanation. For the 60th Birthday of Aleksandr Kibrik*. Moscow: Languages of Russian Culture, 1999, 511-24.

